

Curso C-PEM.....

Partido

Solução do P-III-7 (EN).....

Apresentada por

CLÁUDIO MAURÍCIO MASFERRER DOS SANTOS.....

CAPITÃO-DE-MAR-E-GUERRA.....

NOME E POSTO



RIO DE JANEIRO

19.86.....

2-e-76



- A ESTRATÉGIA E A POLÍTICA -

CLAUDIO MAURICIO MASFERRER DOS SANTOS
Capitão-de-Mar-e-Guerra

MINISTÉRIO DA MARINHA
ESCOLA DE GUERRA NAVAL
1986



MM - EGN
BIBLIOTECA
12/03/1987
N: 748

GN-00001662-1

CAD A2ERVO
81713

EXEMPLAR
100628

CLAUDIO MAURICIO MASSERRE DOS SANTOS
Capitão-de-Mar-e-Guerra

MINISTÉRIO DA MARINHA
ESCOLA DE GUERRA NAVAL
1986





A ARTE DE PENSAR E A CONDIÇÃO DA GUERRA	1
A FILOSOFIA DA DISSUAÇÃO NA ERA NUCLEAR	4
CONCLUSÃO	8
BIBLIOGRAFIA	8-1

A ESTRATÉGIA E A POLÍTICA

Explicar a concepção do filósofo francês JEAN GUITTON, em especial no que se refere à arte de pensar e suas implicações na condução da guerra.

	FOLHA
A ARTE DE PENSAR E A CONDUÇÃO DA GUERRA	1
A FILOSOFIA DA DISSUAÇÃO NA ERA NUCLEAR	4
CONCLUSÃO	8
BIBLIOGRAFIA	A-1

A ARTE DE PENSAR E A CONDUÇÃO DA GUERRA

A guerra, ainda que não desejada, tem acompanhado a humanidade de forma continuada e implacável.

A palavra guerra, ao correr do tempo, vem sendo usada em múltiplas acepções, o que gerou a necessidade do emprego de variada adjetivação, em busca de uma aceitável correspondência com as inúmeras peculiaridades dos diversos tipos de luta armada. De um modo geral, podemos distinguir o emprego da palavra em dois sentidos básicos, a saber: o técnico e o figurado. No sentido técnico, pode ser definida como luta entre duas ou mais nações que recorrem ao emprego das armas, envolvendo hostilidades de considerável duração e magnitude. No sentido figurado, exprime os conflitos de interesses entre grupos organizados - no campo político, econômico, psicossocial ou militar.

A compreensão da guerra, seu estudo aprofundado e a tentativa de se estabelecer uma disciplina de base científica que permita prevê-la ou preveni-la com segurança tem constituído, ao longo dos séculos, a preocupação constante de numerosos pensadores (2:15).

Estabelecida esta conceituação preliminar, passaremos a interpretar a concepção filosôfica do pensador francês Jean Guitton, com ênfase no que diz respeito à arte de pensar e suas implicações na condução da guerra.

Para Guitton, é evidente que as guerras e as revoluções decorrem, em derradeira instância, do que pensam os beligerantes ou os revolucionários sobre a significação última do homem, da vida, da morte, do que há mais além da morte, de Deus. Isso posto, a decisão de sacrificar ou não sacrificar a vida de milhões de pessoas deriva da concepção que se tenha sobre a vida humana e a sua finalidade (3:21). Deste modo, o autor nos leva à assertiva de que o exercício do pensamento norteia

fundamentalmente a ação a ser desenvolvida, a qual é conduzida, cada vez mais, não pela análise unitária da guerra propriamente dita, da estratégia, da política, do direito e da moral, e sim pela resultante de um exame amplo das interações dos citados fatores, sob a ótica do binômio pensamento-ação.

O autor baseia a sua concepção na idéia de que a arte da guerra consiste em evitar a guerra através de ações psicológicas sobre o inimigo.

Para exemplificar de modo concreto a sua idéia, descreve os procedimentos de Hitler, fazendo uma análise do poder quase que irrestrito que ele teve sobre a vontade de uma enorme quantidade de pessoas. Mostra, também, como o líder nazista transformou a propaganda em um poderoso instrumento a serviço da guerra, por meio da mobilização de consciências. Segundo Guitton, Hitler percebeu que a imaginação é mais poderosa do que a vontade e que é possível atuar sobre a imaginação mediante a ação repetitiva e conjugada do terror e da ambição, duas paixões fundamentais que movem o ser humano. Tal entendimento permitiu a formulação de uma nova estratégia, que se alicerçava mais no dinamismo dos sentimentos do que na mecânica das forças armadas.

Procurando, desse modo, demonstrar a ocorrência de uma íntima ligação entre o pensamento e a guerra, o autor tece comentários sobre o vínculo - segundo ele perceptível para poucos - entre os métodos do homem do pensamento e do homem da guerra. Em função disto, traz para o âmbito do estudo um método natural do espírito humano (largamente empregado nos diálogos, conversações ou negociações) que é a dialética, dando, para tal, um cunho militar às suas três conhecidas fases. Na tese ou afirmação, relaciona a situação e as intenções de um dos litigantes; na antítese ou negação coloca a situação e as intenções correspondentes ao inimigo para, finalmente, na sín-

X

tese ou conciliação posicionar as condições que, através da superação da negação, irão permitir a conquista de um desequilíbrio que seja favorável ao litigante relacionado na tese.

Segundo o aludido pensador francês, o homem da guerra está em melhores condições para enfrentar a força da negação do que o homem do pensamento, pois este dedica-se ao pensamento puro, estando mais ou menos inclinado a fabricar a negação à sua imagem e semelhança, ao passo que o homem da guerra não tem necessidade de buscá-la longe de si, já que a negação está presente e ativa na forma do inimigo a enfrentar.

O inimigo representa, então, uma negação concreta, movediça, enganosa e astuta. Isto que parece ser uma desvantagem é, na verdade, uma inestimável vantagem para a formação mental do combatente, pois que, principalmente na guerra, o real nunca é exatamente o que esperamos que seja (3:61). Em conseqüência, o autor recomenda que para se fazer frente a uma oposição constante e ameaçadora, é preciso não ter uma mente ociosa e ter suficiente coragem e flexibilidade para ser capaz de alterar as previsões e o dispositivo das forças, se, diante de uma negação, for constatada a existência de equívoco ponderável, de qualquer origem ou natureza.

Ao relacionar as várias fontes de coragem, Guitton cita que na primeira está a aptidão natural para manter-se dono de si mesmo em meio aos perigos repentinos, e esclarece que ninguém pode saber se é possuidor de tal aptidão antes de viver uma experiência. Na segunda fonte coloca, como de imprescindível valor para o homem da guerra, o poder de dominar o medo natural de morrer e de fazer morrer a outros por causa de suas ordens. Como terceira fonte, cita o pensamento que, desenvolvido com bastante antecedência à operação, impede a ocorrência de nefastas improvisações, gerando a indispensável confiança para as corretas decisões (3:67).

Assim sendo, ao homem da guerra deve-se exigir, pelo menos, que seja audaz, que tome a iniciativa, que se mantenha, quando necessário, firme em sua decisão e que conserve a confiança diante de inevitáveis revêses.

O propósito dessas máximas é contrabalançar a diferença que existe entre o pensamento (que vê as possibilidades e não alcança jamais a evidência) e a ação (que vê o real e se desenvolve na incerteza). Em suma, Guitton diz que o homem, sendo dotado de razão, é um ser probabilístico, e que o chefe militar, no desempenho de suas atribuições, vive e decide na nevoa do provável (3:103).

No entender do autor, a guerra é, por convenção, o campo das ilusões recíprocas. Deve-se fazer fracassar as ilusões do oponente e, ao mesmo tempo, criar ilusões para confundir-lo (3:105). Para tal, recomenda o uso da ofensiva psicológica, não só pelo seus positivos resultados que decorrem da iniciativa, da surpresa e da influência psíquica, mas, também, pela possibilidade de dissimular com êxito, pelo menos inicialmente, a orientação do esforço principal. Como corolário desta argumentação, o pensador diz que a atitude enigmática não é a do silêncio, e sim aquela que traz em seu bojo um conteúdo de malícias, subterfúgios ou evasivas, ou seja, é aquela que surpreende pelas contradições imprevistas.

Desse modo, pode-se dizer que, na visão do filósofo, a guerra envolve algo bem mais complexo do que a confrontação armada de forças em litígio. É um fenômeno social que, tendo forte influência sobre o psiquismo das pessoas, estabelece um estreito relacionamento entre as deduções do pensamento e as motivações da ação.

A FILOSOFIA DA DISSUAÇÃO NA ERA NUCLEAR

Na abordagem das implicações decorrentes da era nuclear, Jean Guitton escreve sobre a mutação radical que a sociedade

moderna vem presenciando nos últimos tempos, tanto no campo da matéria, através da revolução atômica, quanto no campo do espírito por meio da revolução cibernética, onde a máquina vai permitir calcular o provável e o improvável, não só para um instante vivido, como, também, para um momento futuro, propiciando, assim, a previsão de reações, o esclarecimento do porvir e a tomada de decisões racionais (3:100). Essas mutações, sem dúvida, vêm afetando de modo sensível todos os setores da técnica, da política, da estratégia e da vida comum. Entretanto, é na guerra, em sua preparação e desdobramento ostensivo onde elas se fazem mais visíveis.

Como foi visto em linhas anteriores, a guerra, principalmente na forma atual, é condicionada pelo resultado do confronto das avaliações relativas ao emprego das forças físicas e mentais, ou, melhor dizendo, se desenvolve regida pelos parâmetros do poder nuclear e da intimidação psíquica. Na visão do autor, vencer é aterrorizar, e se o acordo pode ser obtido sem aplicação da força, a guerra cessa e surge a paz, uma paz armada baseada no temor recíproco.

Na época presente, a ameaça advinda do extraordinário desenvolvimento da arma nuclear pelas grandes potências gerou uma síndrome paroxística que, calcada no medo do emprego em escala de tão poderosa energia, modificou totalmente as posturas assumidas, diante da possibilidade de ocorrência de qualquer tipo de confrontação. Desta maneira, o ato de decidir ficou extremamente dificultado, sobretudo quando, pelo surgimento de fatos inusitados, a ação se torna imprescindível e inadiável. Em consequência, é preciso atuar na incerteza, agir como se estivesse seguro e, muitas vezes, perigosamente arriscar, utilizando os princípios da guerra que têm como finalidade aproximar tanto quanto possível a imaginação da realidade, propiciando condutas razoáveis que, se de todo não garantem a vitória,

contribuem para minimizar os efeitos decorrentes de um fracasso. Deste modo, a surpresa e os movimentos estratégicos amplos e rápidos passam a representar argumentos convincentes nas negociações.

Assim sendo, Guitton deixa-se guiar pela idéia de que, se a metafísica é a parte mais elevada do pensamento, a estratégia é a sua correspondente no campo da ação, fazendo questão de ressaltar que, na atualidade, a estratégia já não dispõe de tempo como outrora. Segundo ele, a estratégia nuclear deve ser bem diferente da estratégia convencional, já que, nesta, todo o esforço é dirigido para forçar o inimigo a submeter-se às nossas condições, ao passo que naquela o mais importante é dissuadir o inimigo de desfechar o primeiro golpe, pois que os seus efeitos são imediatos e podem ser decisivos.

Desta forma, com o propósito de evitar a guerra nuclear, cada ator procura exercer sobre o outro uma ação de dissuasão alicerçada na ameaça de uma pronta e violenta retaliação. No entanto, para que a ameaça exerça de fato um papel dissuasório, é necessário que ela esteja respaldada não só na existência de um poder efetivo, mas, também, na firme intenção do ator de colocar em prática a sua ameaça. Em síntese, atuando sobre a mente humana, a dissuasão nada mais é do que um tipo de guerra essencialmente psíquica, que proporciona, através do temor, o emprego da chamada estratégia da anti-batalha.

Para o filósofo, a guerra absoluta deve ser utilizável, mas não usável. É preciso empregá-la em potência, não em ação. A seu ver, isto requer uma arte superior, já que toda potência tende a ação (3:117). Sobre isto, estabelecendo um paralelo com o êxito das ações de minorias atuantes contra diversos governos, o autor alerta para o grande perigo que decorrerá do fato de uma pequena nação, ou um grupo de pequenas nações, vir a possuir o artefato nuclear e, em um momento de pouca lucidez ou

desesperação de seus governantes, colocar sob séria ameaça grande parte da humanidade.

A respeito do equilíbrio obtido com a dissuasão, o pensador em foco assinala que a existência de uma estabilidade plena é extremamente preocupante, pois propicia a ocorrência de indesejáveis descuidos no exame corrente da situação, que no mínimo irão comprometer a eficácia de qualquer tipo de pronta resposta. Assim sendo, defende a necessidade de que se mantenha um equilíbrio ligeiramente instável a fim de que todos os segmentos da sociedade responsáveis pela condução das ações, procedam fundamentados num minucioso acompanhamento e numa perfeita avaliação dos diversos fatores condicionantes da questão.

Isto posto, deduz que a humanidade, ao que tudo indica, será compelida a viver em um regime de paz superarmada, de ameaça ocidental e palavrório oriental, em um diálogo sem fim (3:124).

Finalizando, Guitton afirma que a estratégia do ato nuclear depende de uma concepção não só política como também metafísica, cuja combinação é por ele denominada de metaestratégia, que na sua transcendência terá que encontrar soluções para os problemas chamados últimos, aqueles que tratam do sentido da vida, ou seja, da opção entre o Tudo ou o Nada. Tais problemas, por atuação dos modernos e diversificados meios de comunicação, não mais ficarão restritos ao âmbito das consciências e crenças dos governantes, nem aos dogmas e preceitos das religiões, e sim serão levados ao conhecimento da sociedade como um todo, dando ensejo a que as soluções sejam baseadas no acervo da experiência, na sabedoria política, na visão internacional e na avaliação estratégica da conjuntura mundial.

CONCLUSÃO

A análise procedida, apesar de breve e abrangente, permite algumas inferências a respeito da concepção do filósofo francês Jean Guitton sobre a importância da arte de pensar na condução da guerra.

Fundamentando sua tese na idéia de que a arte da guerra consiste em evitar a guerra, atuando sobre o psiquismo pelo psiquismo, o autor demonstra que por meio da dialética aplicada aos problemas da guerra podem-se obter os elementos essenciais para o correto emprego da imaginação das mentes privilegiadas sobre as consciências dos demais seres humanos.

Refletindo sobre o estágio em que, atualmente, se encontra o mundo moderno, o pensador procura estabelecer as bases para uma composição harmônica entre um procedimento calcado em estratégia do tipo psíquico e a nova forma de arma capaz de produzir incalculáveis e irreparáveis danos à humanidade. Com sadoria, diz que a vida, pela sua significação e importância, não pode depender exclusivamente de decisões de um grupo de pessoas que por variadas circunstâncias detem o poder, mas sim e sobretudo, da conclusão racional e inequívoca, da sociedade como um todo, de que a vida é boa para o ser humano, e por isso sua existência deve ser cuidadosamente preservada.

Assim sendo, caracteriza a dissuasão como uma postura tão militar quanto psicológica, pois resulta da interação entre a attitude mental de quem deseja desfechar o ataque inicial e o potencial de força possuído pelo seu oponente. Desse modo, assegura que essa influência recíproca em muito depende do pensamento criador, que, em última análise, é a essência do raciocínio, ou seja, a metafísica.

Finalizando, o autor sustenta, com devida lógica, que a racionalidade na intenção, na decisão e no procedimento só poderã ser obtida quando os problemas da metaestratégia, da metapo

lítica e, principalmente, da metafísica deixarem de ser tratados somente no círculo fechado dos estrategistas, para serem examinados e debatidos nos diversos segmentos representativos da sociedade moderna.

Isso posto, e concordando com a concepção de Jean Guittou, concluimos asseverando que só o medo das armas dá paz aos povos.

BIBLIOGRAFIA

1. ALPEROVITZ, Gar. Diplomacia atômica. Trad. Flávio Pinto Vieira. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército e Editora Saga, 1969. 390p. Original inglês.
2. ÁLVARES, Obino Lacerda, coord. Estudos de estratégia. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército; Brasília, Editora de Brasília, 1972. 411p.
3. GUITTON, Jean. El pensamiento y la guerra. Trad. José María Cohen. Buenos Aires, Instituto de Publicaciones Navales, 1972. 150p. Original francês.
4. LAVENÈRE - WANDERLEY, Nelson Freire. Estratégia militar e de sarmamento. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército e Edições Bloch, 1971. 368p.
5. PESSOA, Mário. Leis de guerra e armas nucleares. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército e Revista dos Tribunais, 1969. 362p.
6. SCHELL, Jonathan. O destino da Terra. Trad. Antônio C.G. Penna. Rio de Janeiro, Editora Record, 1982. 239p. Original inglês.

ESTE LIVRO DEVE SER DEVOLVIDO NA ÚLTIMA
DATA CARIMBADA

24 MAI 98			
05 ABR 90			
02 FEV 94			
09 MAR 1994			
12 SET 1996			
13 MAI 1997			
23 JUL 2003			

MINISTÉRIO DA MARINHA
ESCOLA DE GUERRA NAVAL
Biblioteca

Santos, Claudio Mauricio Masfe
rre dos

A estrategia e a politica

2-C-76

(748/87)



00016520000748

A Estrategia e a politica

2-C-76